

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Questão Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

Sub-eixo: Questão Ambiental

O SISTEMA CAPITALISTA E O ENVELHECIMENTO DO TRABALHADOR: UMA ANÁLISE A LUZ DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO DE MARX

BÁRBARA OLIVEIRA DE MORAIS ¹

VALÉRIA PEREIRA BASTOS ²

Resumo:

O texto traz para centro do debate, a existência de um sistema socioambiental desigual, em que a violência estrutural é reproduzida no cotidiano das catadoras de materiais recicláveis que desenvolviam suas atividades no extinto lixão de Gramacho, e nos dias atuais têm o desafio de enfrentarem a falta de condições de trabalho adequadas, e sobreviver dos poucos valores para o sustento da família.

Palavras-chave: Catadoras de Materiais Recicláveis, Violência socioambiental, Lixão de Gramacho.

Abstract:

The text brings to the center of the debate the existence of an unequal socio-environmental system, in which structural violence is reproduced in the daily lives of recyclable material collectors who carried out their activities in the extinct Gramacho landfill, and nowadays have the challenge of facing the lack of adequate working conditions, and surviving on meager amounts to support the family.

Keywords: Recyclable Material Collectors, Socio-environmental violence, Gramacho Dump.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Introdução

O artigo buscou compreender os efeitos das múltiplas formas de violência que culminam em diferentes formas de discriminação e opressão que se entrelaçam e se reforçam mutuamente, impactando diretamente as mulheres envolvidas nos trabalhos com resíduos. Analisamos como a desigualdade de gênero, o preconceito, a discriminação, o racismo estrutural e ambiental, as condições de trabalho precarizadas e os rendimentos inferiores ao salário mínimo vigente são geradores de vulnerabilidade social e econômica das catadoras, perpetuando um ciclo de marginalização e inclusão precária. Para isso, discutiremos como as estruturas patriarcais e o sistema capitalista desempenham papéis relevantes na manutenção da subalternidade das mulheres em posições de vulnerabilidade e invisibilidade dentro da atividade de coleta e separação de resíduos sólidos urbanos, assim como em outras áreas de serviços.

No contexto de Jardim Gramacho, a pesquisa de Bastos (2015) e Bastos; Magalhães (2016) evidenciou que a vulnerabilidade social dos catadores e catadoras vai além dos impactos socioeconômicos imediatos. Bastos (2015) destaca que, com o encerramento do lixão, muitos catadores perderam suas referências laborais, e a situação de risco social tornou-se ainda mais grave do que o risco ambiental anteriormente enfrentado. A autora demonstra como a condição de vulnerabilidade é, portanto, socialmente construída e se define a partir das expectativas e possibilidades de cada grupo social (Bastos, 2015).

Já na pesquisa de Bastos; Magalhães (2016) o estudo demonstrou como a desvalorização da atividade, associada a condições insalubres e perigosas, é resultado da ausência de suporte adequado do poder público na implementação de políticas de assistência social e inclusão laboral, revelando um cenário de precariedade das iniciativas governamentais diante das necessidades reais desses sujeitos. A pesquisa também mostrou que, após o fechamento do lixão, a renda média das famílias dos catadores caiu drasticamente, refletindo uma precarização ainda maior das condições de vida.

Com o intuito de discutir a existência de um sistema socioambiental desigual, no qual a violência estrutural é reproduzida e reforçada no cotidiano laboral das catadoras de materiais recicláveis, buscamos analisar as relações desiguais e invisíveis do trabalho feminino na área de coleta e separação de resíduos sólidos urbanos. Consideramos a interseção entre desigualdade de gênero e violência estrutural, uma vez que esta é alimentada pelas dinâmicas de poder, especialmente pela dominação de gênero.

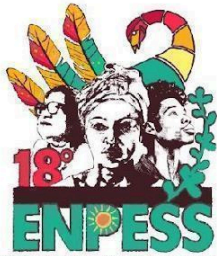
Aplicando essa perspectiva à atividade de catação de materiais recicláveis, observa-se que as mulheres desempenham um papel crucial neste setor. De acordo com o Anuário da Reciclagem o Instituto Pragma (2023), elas representam 53.5%¹ do universo de trabalhadores das organizações existentes no país. No entanto, essas mulheres são frequentemente identificadas como sujeitos que sofrem violência estrutural, devido à desigualdade de gênero, racismo e outros sistemas de opressão. Essa situação revela a falta de reconhecimento e a carência de melhores condições de trabalho, bem como o acesso inadequado a benefícios e direitos sociais.

Nesse contexto, ao considerarmos o mundo do trabalho com resíduos sólidos - lixo, especialmente quando a catação de materiais recicláveis é realizada por mulheres em um “território do lixo”, observamos que esse trabalho é agravado por diversas formas de discriminação e desigualdade que se entrelaçam e se reforçam. Identificamos a partir de uma lente interseccional que as diferentes expressões de violência, como: a desigualdade de gênero, o preconceito e a discriminação, o racismo estrutural e ambiental são promotores de condições de trabalho precarizadas, inadequadas e com rendimentos inferiores ao salário mínimo vigente.

Essas condições não apenas perpetuam a marginalização das mulheres catadoras, mas também intensificam sua vulnerabilidade social e econômica, pois além desses aspectos, identificamos que as catadoras enfrentam estigmas e discriminações que dificultam o acesso aos direitos sociais. Em grande parte, essas mulheres não são reconhecidas nos equipamentos sociais como elegíveis aos benefícios, seja pela falta de documentação adequada, seja pela declaração de algum “rendimento” extra, o que as coloca fora da faixa de beneficiárias.

Assim, a discussão sobre violência socioambiental fundamenta-se nas conclusões de estudos anteriores, como os de Bastos; Da Silva (2021), que demonstraram como as questões socioambientais se manifestam em Jardim Gramacho. Os autores caracterizaram esse território como uma zona de sacrifício, onde o racismo ambiental se traduz na distribuição desigual de riscos ambientais, afetando de maneira desproporcional as populações negras e pobres. Essa dinâmica se evidencia através de condições de trabalho precarizadas, configurando uma violência socioambiental. Como consequência, o trabalho de catação de materiais recicláveis, predominantemente realizado por mulheres, é frequentemente invisibilizado, agravando a situação dessas mulheres, vide os estigmas e discriminações que enfrentam.

¹ Dados disponíveis em: <https://institutopragma.eco.br/>



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Desigualdade e invisibilidade do trabalho feminino com resíduos em Jardim Gramacho

O Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho foi instalado no município de Duque de Caxias – estado do Rio de Janeiro a partir de 1975, tornando-se a área oficial destinada ao recebimento dos resíduos sólidos urbanos gerados pela cidade do Rio de Janeiro e parte das cidades que constituem a Região Metropolitana, conforme declarado por Bastos (2014):

370,55 hectares que foi doada à COMLURB por meio da cessão inicialmente provisória efetuada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e viabilizada pela Coordenadoria Regional Leste Meridional, com a finalidade de instalar um aterro sanitário metropolitano, desde dezembro de 1975. O aterro seria responsável pelo recebimento e destinação final de resíduos sólidos de grande parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sob a forma de consórcio, com os seguintes municípios beneficiados na época: Rio de Janeiro, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Nilópolis, Belford Roxo, Petrópolis e Guapimirim (Bastos, 2014, p. 24-25).

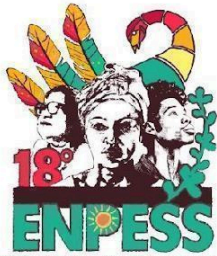
Contudo a área destinada para atuar como um Aterro Sanitário², acabou se transformando em lixão³ e operou por mais de três décadas, promovendo a instituição de um dos maiores bolsões de miséria, pois chegou a contabilizar a presença de 1700 pessoas, atuando na atividade de catação dia e noite de forma insalubre, penosa e perigosa.

Em pesquisas mais atuais, Bastos; Botão (2019) demonstraram que no âmbito da catação em Jardim Gramacho, a maioria das pessoas envolvidas é do gênero feminino. Apesar de a natureza do trabalho indicar a necessidade de força física e compleição corporal masculina, o que se destaca é que há mais mulheres do que homens envolvidos nesse processo, inclusive na gestão do local. As atividades não são mais desenvolvidas no lixão, mas sim no Polo de Reciclagem de Jardim Gramacho (Bastos; Botão, 2019), uma estrutura construída na perspectiva da continuidade do trabalho de triagem e comercialização dos materiais recicláveis fora da área encerrada do lixão. Segundo Bastos; Botão (2019):

O Polo de Reciclagem fora estruturado inicialmente com dois galpões com intuito de receber, triar, enfardar e estocar os resíduos para a comercialização daqueles potencialmente recicláveis. No primeiro momento, pretendia empregar 110 catadores, o que não tinha ocorrido até a época da pesquisa, pois na realidade somente 32 pessoas catadores e catadoras foram entrevistados no estudo, pois este era o quantitativo que constituía o universo dos trabalhadores na época da pesquisa (Bastos; Botão, 2019, p.67).

² Aterro Sanitário: é uma infraestrutura projetada para a disposição final adequada de resíduos sólidos. É um local especialmente projetado para receber e tratar os resíduos de maneira segura e ambientalmente correta. Disponível em: <https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/aterro-sanitario/#:~:text=Aterro%20Sanit%C3%A1rio%20%C3%A9%20uma%20infraestrutura.maneira%20segura%20e%20ambientalmente%20correta>.

³ Lixão: é uma forma inadequada de disposição final de resíduos sólidos, que se caracteriza pela simples descarga do lixo sobre o solo, sem medidas de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública. O mesmo que descarga de resíduos a céu aberto (IPT, 1995).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

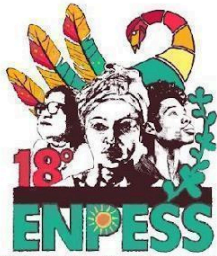
Ao analisar os aspectos relacionados, à questão socioambiental em Jardim Gramacho, e o trabalho feminino proveniente da catação, é fundamental considerar a influência do sistema de produção capitalista, pois esse modo de produção tem agravado suas próprias contradições e, como resultado, a destruição do meio ambiente e a desigualdade social se tornaram partes integrantes desse sistema, necessárias para que ele continue funcionando e se reproduzindo (Schons, 2012; Nunes, L. 2013).

Por outro lado, consideramos relevante enfatizar que a evolução histórica da participação feminina no mundo de trabalho revela uma ausência de correlação direta entre qualificação, tecnologia e o reconhecimento do valor do trabalho desempenhado por mulheres (Gardey, 2003; Kergoat, 2012; Maruani; Hirata, 2003). No início, a falta de qualificação nas ocupações femininas era atribuída à suposta escassez de capital humano, avaliada com base em diplomas e experiência. No entanto, mesmo com notáveis avanços nas taxas de escolaridade das mulheres ao longo dos anos, essa melhoria na qualificação não se traduziu em progressos proporcionais nas posições ocupadas, nos salários e no status associado a esses empregos (Maruani; Hirata, 2003).

Kergoat (2012) demonstra que uma das explicações frequentes nesse debate, é que os trabalhos predominantemente realizados por mulheres, como aqueles ligados ao cuidado, atenção aos detalhes e delicadeza, frequentemente são desvalorizados, visto que não são considerados empregos qualificados, mas sim atividades decorrentes de características naturais associadas ao gênero feminino. Por contraste, os empregos tradicionalmente ocupados por homens, envolvendo o manuseio de maquinaria pesada e o uso da força física, tendem a ser mais valorizados devido à percepção de que requerem habilidades desenvolvidas por meio de treinamento profissional.

Essa divisão, chamada de "trabalho secundário" por Abramo (2007) e descrita como uma divisão entre trabalho produtivo e reprodutivo por Kergoat (2012), é atribuída aos gêneros e associada a diferentes valores sociais, ou seja, a divisão sexual do trabalho. A ideia subjacente é que as mulheres são frequentemente consideradas uma "força de trabalho secundária" devido à crença de que sua entrada, permanência e desempenho no mercado de trabalho são fortemente influenciados pelos papéis tradicionalmente atribuídos a elas na esfera doméstica, principalmente nas funções de cuidado, determinadas pela ordem de gênero e pela divisão sexual e racial do trabalho (Abreu; Hirata; Lombardi, 2017; Costa; Fernandes, 2017).

Apesar dos notáveis progressos na busca pela redução das desigualdades sociais no Brasil, é fundamental ressaltar, conforme apontado por Lima; Rios; França (2013), que persistem



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

padrões distintos de participação na educação e no mundo de trabalho, afetando de forma desproporcional mulheres, pessoas negras e, especialmente, mulheres negras, que se torna mais evidente no contexto da coleta e separação de materiais recicláveis, em que há a busca de oportunidades de trabalho e renda.

Neste sentido, ao analisar os aspectos relacionados, à questão socioambiental em Jardim Gramacho, e o trabalho feminino proveniente da catação, é fundamental considerar a influência do sistema de produção capitalista, pois esse modo de produção tem agravado suas próprias contradições e, como resultado, a destruição do meio ambiente e a desigualdade social se tornaram partes integrantes desse sistema, necessárias para que ele continue funcionando e se reproduzindo (Schons, 2012; Nunes, L. 2013).

As diferentes formas de violências no trabalho das catadoras em Jardim Gramacho

A violência, conforme descrito por Ianni (2004), é um fenômeno onipresente na sociedade, manifestando-se de formas evidentes e ocultas, tanto no plano individual quanto coletivo, abrangendo tanto aspectos objetivos quanto subjetivos da vida social. Essa violência não é um evento isolado ou acidental, mas sim um componente histórico, profundamente enraizado nos modos de organização do trabalho, produção, formas de sociabilidade e dinâmicas de poder social.

À medida que as relações coloniais são reproduzidas e prolongadas desde o período de escravização⁴ brasileira, com raízes históricas que influenciam as estruturas de discriminação presentes na sociedade atual, há três elementos-chave que auxiliam na compreensão dessa discussão como resultado de sucessivas violências: a escravização contemporânea e as práticas de sujeição do trabalhador advêm do controle dos indivíduos uns sobre os outros, da apropriação da força de trabalho como um todo e da necessidade do controle do trabalho por meio do uso da violência ou da ameaça (Marinho; Vieira, 2019; Gurgel; Marinho, 2019).

No contexto específico da atividade de catação de materiais recicláveis em Jardim Gramacho, é essencial entender como a herança colonial está interligada a um processo que promove a intersecção entre gênero, raça, classe e ocupação do território, pois tem influência

⁴ A escolha terminológica não é apenas uma questão semântica, mas reflete uma posição crítica em relação à narrativa histórica da escravização, reflexo do modo colonialista e de produção capitalista, pois o vocábulo modifica a carga semântica, denunciando o processo de violência subjacente à perda da identidade, vide o caráter histórico e social atinente à luta pelo poder de pessoas sobre pessoas, que marca a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores (Harkot-de-La-Taille; Santos, 2012).

direta na dinâmica laboral das mulheres, tanto negras quanto não negras, que atuam como catadoras, limitando ou moldando suas oportunidades e contribuições no espaço público.

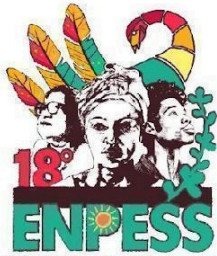
Os efeitos nocivos da realidade vivida principalmente pela população negra manifestam-se através de diversas formas de discriminação, violência, desemprego, inserção em ocupações laborais precárias, bem como pobreza absoluta e relativa (Alves, 2022). Essas violências se configuram como múltiplas e não apenas moldam a natureza do trabalho realizado, mas também impõem limites significativos às oportunidades e à participação plena das mulheres. Sobretudo, quando levamos em consideração que em uma sociedade composta por diferentes grupos étnicos, o critério racial funciona como um mecanismo de seleção que relega as pessoas negras aos lugares mais baixos da hierarquia social através da discriminação, em uma clara atribuição de papéis diferenciados aos diversos grupos (Nascimento, 2019).

Em um território onde a atividade de catação de materiais potencialmente recicláveis – lixo - foi construída ao longo do tempo por um modelo de trabalho precarizado dentro da dinâmica do modelo capitalista, em que as relações de poder são atreladas à dominação de gênero, patriarcal, são evidentes as desvantagens para as mulheres em comparação aos homens.

A esse respeito, Kilomba (2019), em sua obra, discutiu a respeito da violência epistêmica que as pessoas negras enfrentam, destacando como os sistemas sociais e culturais perpetuam a marginalização e a desvalorização de suas identidades. Portanto, compreender a violência estrutural requer uma análise profunda das dinâmicas sociais e econômicas que mantêm a desigualdade e a opressão, pois essas dinâmicas são intrincadas e multifacetadas.

Conforme De Melo; Malfitano; Lopes (2020), as desigualdades sociais no cerne da sociedade surgem das diferenças entre grupos, resultando em vidas marcadas pela precariedade, violência e preconceito, com frequente privação de direitos fundamentais. O conceito central aqui é o do "Outro", representando aqueles historicamente construídos como diferentes devido a fatores culturais, históricos e sociais, pertencendo a grupos subalternizados, frequentemente marginalizados e invisibilizados pela norma social hegemônica (Mendonça; Cardoso, 2018).

A violência enfrentada pelas catadoras de materiais recicláveis, muitas vezes implícita e estrutural, é alimentada pelas relações de poder e pela dominação de gênero. Conforme Yazbek (2021) argumenta, a violência é uma manifestação da questão social, resultante da divisão da sociedade em classes e da disputa desigual pela riqueza gerada socialmente no sistema capitalista. No contexto específico da catação de materiais recicláveis, mulheres negras são sistematicamente empurradas para os estratos mais baixos da hierarquia social, relegadas a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

espaços residuais devido à dominação social. Assim, a cruel realidade da discriminação, tanto racial quanto de gênero, configura-se como uma forma de violência que confina as pessoas negras aos papéis e espaços historicamente atribuídos a elas desde os tempos da escravização.

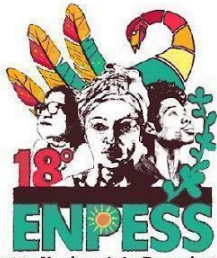
Destacamos a relevância do processo sócio-histórico no trabalho via catação de materiais recicláveis. Pois, embora atuar como catador ou catadora não seja resultado de uma livre escolha, se constitui como o espaço que uma parcela de homens e mulheres (principalmente da população negra) encontraram espaço para (sobre)viver e atuar, devido à trajetória da informalidade que historicamente predomina as relações de trabalho no Brasil e no mundo (Abílio, 2021).

Podemos indicar que também é no contexto da atividade de coleta, triagem e comercialização dos materiais recicláveis, que as mulheres negras enfrentam um tipo de violência estrutural, bem como ambiental que as mantém em posições precárias e invisíveis, já que a sociedade muitas vezes as percebe como "trabalhadoras secundárias" e, portanto, menos dignas de reconhecimento e dignidade, sobretudo na área de trabalho com "lixo", onde o valor do trabalho é invisibilizado, não reconhecido e jogado literalmente na lixeira.

No contexto de resíduos, Bosi (2008) e Dias (2009), destacaram que o trabalho informal na catação de recicláveis ganhou destaque nas décadas de 1980 e 1990 como uma estratégia de enfrentamento ao desemprego. Essa estratégia foi moldada pelo contexto econômico brasileiro da época, oferecendo uma oportunidade de baixo custo para trabalhadores desempregados. Sendo assim, é primordial reconhecer que a informalidade é resultado das complexas relações entre capital e Estado, descritas por Souza Filho; Gurgel (2016) como uma dinâmica de exploração econômica que requer determinada forma de dominação, tanto no campo da produção como no da reprodução social.

Desse modo, o trabalho informal, como discutido por Abílio (2021), afeta de maneira desproporcional grupos vulneráveis, incluindo mulheres. Para a autora, a informalidade funciona como um "espelho invertido" do trabalho formal, refletindo as condições opostas encontradas no emprego formalizado. Considerando que, ao longo da história, as mulheres negras no Brasil enfrentaram e ainda enfrentam discriminação sistêmica e estrutural, elas são colocadas em uma posição de desvantagem na sociedade, pois ocupam as posições mais subalternas entre as subalternas, ou seja, estão na base da hierarquia social e econômica, enfrentando desigualdades significativas em relação às mulheres brancas e aos homens em geral.

Como parte dessa dinâmica, o trabalho feminino, em particular o das mulheres negras e periféricas, tem sido historicamente marginalizado na sociedade brasileira, pois foram relegadas a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

papéis de serviçais, mantidas à margem do sistema familiar patriarcal, sem acesso a posições de destaque ou poder (Nunes, N. 2021). Há, portanto, um lugar reservado para elas, que se aprofunda através das condições precarizadas de trabalho, descrito por Antunes (2008) como produto das transformações promovidas pelo modelo de acumulação flexível.

A precarização do trabalho especificamente feminino é o que Gonçalves (2003) chama de “clivagem de gênero”. Nessa clivagem, há um número de trabalhadores qualificados e uma parcela significativa de trabalhadores não qualificados, entre os quais a grande maioria é composta por mulheres, pobres e negras. Portanto, pode-se assumir que a precarização do trabalho é predominantemente feminina e que esse lugar reservado às mulheres negras é atravessado pela desocupação, subocupação e subutilização da força de trabalho.

Tendo em vista essas reflexões, o trabalho informal, especialmente quando realizado por mulheres na catação de materiais recicláveis, é um elemento essencial para a compreensão das condições de trabalho na sociedade capitalista. Ele permite observar as desigualdades com um olhar interseccional, posto que questões de gênero, raça e classe escancaram as condições de precarização do trabalho feminino. Essa não é apenas uma questão econômica, social e ambiental, mas também de gênero e poder.

De acordo com Acselrad (2004), a falta de políticas ambientais eficazes e a inadequada fiscalização das atividades industriais e urbanas têm consequências diretas para as populações mais vulneráveis. Isso é agravado por políticas sociais e de emprego que falham em oferecer proteção e estabilidade, levando esses indivíduos a recorrerem a atividades como a catação.

No caso de Jardim Gramacho, essa condição é agravada pela combinação de injustiças sociais e ambientais que estigmatizam o território (Bastos; Silva; Ximenes, 2019). Dessa forma, a ausência de ações efetivas das políticas públicas intensifica ainda mais a vulnerabilidade da população local. À medida que essas atividades, muitas vezes a única alternativa disponível para essas mulheres, servem como exemplos marcantes de como as desigualdades são reforçadas dentro da lógica do capitalismo.

Deste modo, neste setor específico, as estruturas patriarcais e o capitalismo se combinam para relegar as mulheres a posições precárias e desvantajosas. O trabalho com resíduos sólidos urbanos, envolvendo a coleta, tratamento e comercialização de materiais recicláveis, é marcado por condições inadequadas, remuneração insuficiente, falta de segurança e outros fatores que contribuem para a precarização dessa atividade, tornando-a penosa, insalubre e frequentemente perigosa.

Essa precarização reforça a dinâmica do capitalismo, um sistema econômico que coloca o lucro acima das condições de trabalho e bem-estar dos trabalhadores (Bastos, 2005; Bastos; Magalhães, 2016). Neste contexto, as mulheres enfrentam desvantagens particulares em comparação aos homens, e as desigualdades de gênero no setor de resíduos sólidos podem ser interpretadas como uma manifestação da violência sistêmica, conforme discutido por autoras como Gonzalez (2018, 2020) e Kilomba (2019).

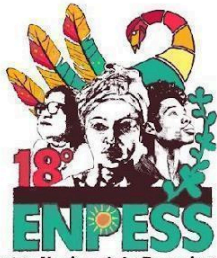
Considerações finais

Este artigo propôs um diálogo sobre as complexas dimensões das violências contemporâneas, focando na violência estrutural que impacta a vida de catadoras de materiais recicláveis que atuam e residem em Jardim Gramacho. Destacamos a interconexão desse fenômeno com as dinâmicas sociais e econômicas que configuram o mundo do trabalho, com especial atenção às condições laborais dessas mulheres, marcadas pela informalidade e precarização. Identificamos no decorrer do levantamento teórico que as pesquisas existentes ainda são escassas no diálogo proposto, fazendo desta análise uma contribuição significativa para o campo e para todos os interessados nessa temática.

Em relação à indagação central que nos permitiu a construção do texto, enfocamos que a violência socioambiental, decorrente da estrutural, se manifesta e se intensifica no cotidiano das catadoras em Jardim Gramacho, através da análise de como as dinâmicas de exploração e dominação são profundamente enraizadas nas estruturas capitalistas que regem a economia informal.

Identificamos que a violência socioambiental vai além dos atos explícitos de discriminação, manifestando-se também através de estruturas e práticas que sustentam desigualdades e opressão sistêmica decorrente das atividades de catação de materiais recicláveis. Demonstramos a relevância de um olhar interseccional para análise do tema, tendo em vista que as interações entre gênero, raça e classe, de maneira combinada, criam condições de trabalho extremamente precárias para essas mulheres.

Enfatizamos a urgência de intensificarmos o debate sobre as questões socioambientais, especialmente em um contexto de emergência climática, onde os efeitos do racismo e da injustiça ambiental são mais evidentes. Os problemas ambientais atuais, embora não se originem exclusivamente no modo de produção capitalista, são claramente exacerbados por ele, refletindo as profundas desigualdades fomentadas por este sistema econômico.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

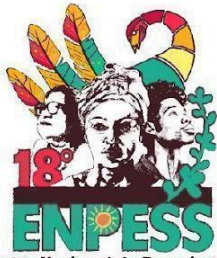
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Desse modo, sublinhamos a necessidade de políticas públicas mais efetivas que atendam às realidades específicas das trabalhadoras envolvidas com a reciclagem, pois consideramos relevante não apenas a discussão sobre proteção ambiental e cuidado com o meio ambiente, mas principalmente da garantia de direitos e a visibilidade de catadores e catadoras de materiais recicláveis, frequentemente tratados como vidas descartáveis.

A situação das mulheres negras no processo de catação, persistentemente perpetuadas por um modelo capitalista que não apenas as submete ao racismo ambiental e à injustiça socioambiental, mas também as relega ao desemprego, a remunerações injustas, sobrecarga de trabalho, empobrecimento e desqualificação contínua revela a face perversa do capital. E, em Jardim Gramacho, essa situação é especialmente crítica, visto que as mulheres representam a maioria da força de trabalho nas cooperativas, assegurando a sobrevivência mínima delas e de suas famílias (Bastos; Da Silva, 2021).

Referências

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Relatório de pesquisa: informalidade e periferia no Brasil contemporâneo. In: **Trajetórias da informalidade no Brasil contemporâneo**. Organizadora Léa Marques. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. p. 15-16.
- ABRAMO, Laís Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. Boitempo Editorial, 2017.
- ACSELRAD, Henri. Desregulamentação, Contradições Espaciais e Sustentabilidade Urbana. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.107, p.25-38, jul./dez. 2004.
- ALVES, Leonardo Dias. A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural. **Revista Katálysis**, v. 25, p. 212-221, 2022.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. In: **Adeus ao trabalho? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 2008. p. 212-212.
- ANUÁRIO DA RECICLAGEM. Instituto Pragma, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1nclGREjoOpyRjKSy4nyyA_F5EVaSCSVM/view acesso em: 11 jul. 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

BASTOS, Valéria Pereira. Construindo identidades: Catador-herói ou sobrevivente da perversa forma de catação?. **Confluências| Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 4, n. 1, p. 22-26, 2005.

BASTOS, Valéria Pereira. **Profissão: Catador-Um estudo do processo de construção da identidade**. Letra Capital Editora LTDA, 2014.

BASTOS, Valéria Pereira. O fim do lixão de Gramacho: além do risco ambiental. **O Social em Questão**, n. 33, p. 265-287, 2015.

BASTOS, Valéria Pereira; MAGALHÃES, Andrea Oliveira. Lixão de Gramacho: Impactos do encerramento para os catadores. **Temporalis**, v. 16, n. 31, p. 379-398, 2016.

BASTOS, Valéria Pereira; BOTÃO, Márcia Regina Gomes. Os desafios enfrentados pelos catadores de materiais recicláveis no Brasil diante da precarização do trabalho. **Revista LIDER**, v. 21, n. 34, p. 63-83, 2019.

BASTOS, Valéria Pereira; SILVA, Mariana Andrade Lobo; XIMENES, Raphaela Pimentel. Jardim Gramacho: território extraordinário do lixo e da injustiça ambiental. In: **Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: desafios contemporâneos; Seminário Nacional de Território e Gestão de Políticas Sociais; Congresso de Direito à Cidade e Justiça Ambiental**. 2019. p. e3272-e3272.

BASTOS, Valéria Pereira; DA SILVA, Matheus Thomas. Questão ambiental, racismo ambiental e covid-19: velhos e novos desafios. **Mundo Livre: Revista Multidisciplinar**, v. 7, n. 1, p. 190-208, 2021.

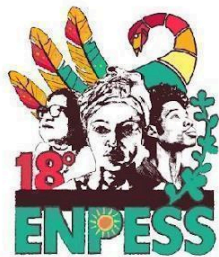
BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de ciências sociais**, v. 23, p. 101-116, 2008.

COSTA, Diogo Valença de Azevedo; FERNANDES, Florestan. luta de raça e de classes. In: **FERNANDES, F. O significado do protesto negro. São Paulo: Expressão Popular**, 2017.

DE MELO, Késia Maria Maximiano de; MALFITANO, Ana Paula Serrata; LOPES, Roseli Esquerdo. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 03, p. 1061-1071, 2020.

DIAS, Sylmara Lopes Francelino Gonçalves. **Catadores: uma perspectiva de sua inserção no campo da indústria de reciclagem**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GARDEY, Delphine. Perspectivas históricas. **Las nuevas fronteras de la desigualdad. Hombres y mujeres en el mercado de trabajo. Barcelona: Icaria**, p. 35-58, 2000.

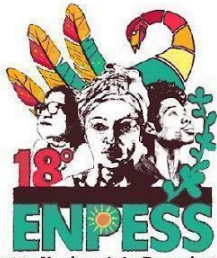


Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

- GONÇALVES, Renata. Dinâmica sexista do capital: feminização do trabalho precário. **Lutas Sociais**, n. 9/10, p. 125-132, 2003.
- GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Editora Filhos da África, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.
- GURGEL, Claudio; MARINHO, Maiara. Escravidão contemporânea e toyotismo. **Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 89, p. 317-337, 2019.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth; SANTOS, Adriano Rodrigues dos. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. **Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade**, v. 3, 2012.
- IANNI, Octavio. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- KERGOAT, Danièle. Ouvriers= ouvrières. **Critiques de l'économie politique**, v. 5, p. 65-97, 1978. Publicado também em *Se battre, disent-elles*, Paris, La Dispute, 2012.
- KILOMBA, Grada. **Desobediências poéticas**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.
- LIMA, Márcia; RIOS, Flavia; FRANÇA, Danilo. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009). **Dossiê mulheres negras**, p. 53, 2013.
- MARINHO, Mayara Oliveira; VIEIRA, Fernando de Oliveira. A jornada exaustiva e a escravidão contemporânea. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 17, n. 2, p. 351-361, 2019.
- MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Org.) **As novas fronteiras da desigualdade. homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo/SP: Senac, 2003.
- MENDONÇA, Roberta Rayza Silva de; CARDOSO, Fernando da Silva. Alteridade, o outro e a apresentação da noção de subjetividade em Emmanuel Lévinas. **HOLOS**, v. 34, n. 3, p. 395-412, 2018.
- NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo**, p. 259-263, 2019.
- NUNES, Leticia Soares. A questão socioambiental e a atuação do assistente social-The environmental issues and the practice of social worker. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 12, n. 1, p. 196-212, 2013.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade. Mulher de favela: interseccionalidades e territorialidades. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 19, n. 47, 2021b.

SCHONS, Selma Maria. A questão ambiental e a condição da pobreza. **Revista Katálysis**, v. 15, p. 70-78, 2012.

SOUZA FILHO, Rodrigo de; GURGEL, Claudio. **Gestão democrática e serviço social: princípios e propostas para a intervenção crítica**. Cortez Editora, 2016.

YAZBEK, Maria Carmelita. Expressões da questão social brasileira em tempos de devastação do trabalho. **Temporalis**, v. 21, n. 42, p. 16-30, 2021.